

ADOCIMENTO DOCENTE: a degradação do trabalho e da vida

Cacildo Teixeira de Carvalho Neto¹

Luana Braga²

RESUMO: O presente texto objetiva-se em contextualizar a precarização do trabalho docente, com ênfase na Universidade Privada. Com base numa revisão de literatura, propõem-se com o texto desnudar o contexto caótico e desumanizante que transcende o real aparente, por se materializar no real concreto. Nesta realidade, os docentes avançam em condições subumanas, na luta por condições dignas de vida e sobrevivência; expropriados de suas condições objetivas e subjetivas. À luz da Teoria Social de Marx, tecer a expropriação do trabalho docente, considerando-o como trabalhador assalariado, e de outras categorias humano genéricas – o conhecimento, a arte, o trabalho (enquanto valor de uso) no contexto da sociabilidade burguesa.

Palavras-chave: trabalho; saúde do trabalhador; precarização.

ABSTRACT: This paper aims in contextualizing the casualization of teaching, with an emphasis on Private University. Based on a literature review, propose to strip the text with the chaotic and dehumanizing environment that extends beyond the actual apparent by materialize in concrete reality. In this reality, teachers advance in subhuman conditions, the struggle for decent living conditions and survival; dispossessed of their objective and subjective conditions. In light of the social theory of Marx, weaving the expropriation of teaching, regarding it as an employee, and other human generic categories - knowledge, art, work (while value in use) in the context of bourgeois sociability.

Keywords: work, occupational health; precarious.

I – INTRODUÇÃO

O trabalho, enquanto categoria fundante do ser social apresenta-se como categoria ontológica primária no processo de sociabilidade do homem. Por meio do

¹ Assistente Social no Mario Palmerio Hospital Universitário. Docente do curso de graduação em Serviço Social da Universidade de Uberaba. Mestre e doutorando do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais UNESP campus Franca SP.

² Assistente Social do Hospital Psiquiátrico – Sanatório Espírita de Uberaba. Docente do curso de graduação em Serviço Social da Universidade de Uberaba. Especialista em Serviço Social – Direitos Sociais e Competências Profissionais, Universidade de Brasília.

trabalho o homem transforma a natureza e a si mesmo. Promove a transformação da natureza para suprir suas necessidades essenciais - as necessidades do eu -, comer, beber, vestir-se - o trabalho enquanto valor-de-uso ou trabalho concreto. A partir de sua capacidade teleológica, o homem tem capacidade de pré-idealizar sua ação, ou seja, o produto de seu trabalho; esta capacidade o diferencia de outros animais do reino natural.

O convívio com outros homens, por meio do trabalho, provoca neste ser natural a capacidade de socialização, manter contato e construir novas relações, esta capacidade faz do homem um ser social. Não extermina sua relação com a natureza, mas o distancia.

As relações que emergem entre os homens no processo de desenvolvimento da humanidade, considerando os séculos que se apresentam nesta história, das transformações dos modos de produção que se configuram, tais como o feudalismo - acumulação primitiva - capitalismo, desencadeiam com essa última, uma nova configuração para a relação que se consubstancia entre os homens e o trabalho.

Com a apropriação do trabalho vivo, capacidade inerente ao homem, por outros homens, a produção de bens materiais está além daqueles essenciais para sua sobrevivência, com isso, estabelece-se o processo da produção e reprodução das relações sociais. Neste momento, ao trabalho enquanto valor-de-uso é agregado o tempo que excede para a produção dos bens materiais, como também o valor excedente dado ao produto para comercialização; o trabalho torna-se mercadoria, considerado enquanto valor-de-troca.

As mercadorias, recordemos, só encarnam valor na medida em que são expressões de uma mesma substância social, o trabalho humano; seu valor é, portanto, uma realidade apenas social, só podendo manifestar-se, evidentemente, na relação social em que uma mercadoria se troca por outra. Partimos do valor-de-troca ou da relação de troca das mercadorias, para chegar ao valor aí escondido. (MARX, 2011 pág. 69)

Este trabalho acrescido de tempo e valor/dinheiro tem em seu produto final uma mercadoria que se torna objeto de consumo; pois “[...] o principal modo de desvalorização do trabalho vivo é ‘produzi-lo’ em excesso como força de trabalho, ou seja, como mercadoria disponível para o consumo capitalista [...]” (ALVES, 2007, p. 98). Este movimento que se forma faz com que as relações capitalistas de produção engendrem num movimento cíclico todo o processo de reprodução do ser social, de estranhamento, fetichismo e coisificação. Esse ser social perde suas capacidades

genéricas e passa a reproduzir (in) conscientemente as manifestações sociais idealizadas e projetadas na estrutura e superestrutura. Remetemo-nos a Marx para compreender esse processo, quando o autor discorre em *O Capital* sobre o caráter misterioso do produto do trabalho:

A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho (...). Mas a forma mercadoria e a relação de valor entre os produtos do trabalho, a qual caracteriza essa forma, nada têm a ver com a natureza física desses produtos nem com as relações materiais dela decorrentes. Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Para encontrar um símile, temos de recorrer à região nebulosa da crença. Aí os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias. Chamo a isso de fetichismo, que esta sempre grudado aos produtos do trabalho (...) é inseparável da produção de mercadorias. (MARX, 2011, pág. 94)

Homem e trabalho tornam-se mercadorias neste processo, visto que, engendram-se às relações sociais uma relação entre coisas, essenciais para a *produção e reprodução do metabolismo do capital*. Com isso, as condições de trabalho e sua organização expressam as possibilidades de avanços das organizações capitalistas e nessas materializam-se as formas de alienação do homem, enquanto sujeito produtor e reproduzidor de toda a esfera produtiva.

Diante dos modelos de produção que emergem na modernidade, o toyotismo marca todo um processo de reestruturação das relações sociais de produção; desencadeia num contexto de massificação de mão de obra, assentado pelo modelo fordista/taylorista, novas formas de flexibilizar os processos de trabalho (trabalho vivo/instrumento de trabalho/objeto de trabalho). Alves (2007, p. 156) ao refletir sobre o toyotismo esclarece que *e/le* é:

[...] o verdadeiro espírito do novo complexo de reestruturação produtiva, a ideologia orgânica da produção capitalista sob a mundialização do capital. Ao dizermos 'ideologia orgânica' procuramos salientar a amplitude de valores e regras de gestão da produção e de manipulação do trabalho vivo que sustentam uma série de inovações organizacionais, inovações tecnológicas e inovações sócio-metabólicas.

Estas inovações ilustradas por Giovanni Alves se materializam na flexibilização das relações dos processos de trabalho, que se manifestam como

precarização do trabalho, polivalência, instabilidade, expropriação das capacidades cognitivas, terceirização dos serviços, entre outras formas. Intrínseco neste contexto está o professor universitário que se depara com suas capacidades subjetivas e objetivas retiradas de forma brutal pelo empresariado capitalista. A intelectualidade enquanto capacidade cognitiva, e o conhecimento enquanto categoria humano-genérica, tornam-se mercadoria e dessa reproduz as formas variadas de mais-valia.

O trabalho fetichizado/mecanizado próprio do toyotismo que inclui as diversas profissões e categorias profissionais, inclusive de docentes, captura a subjetividade ao ponto do sujeito não reconhecer em si as faculdades humanas inerentes ao homem. Sendo assim, a sociabilidade capitalista impõe as condições objetivas e subjetivas de subsistência humana.

II – DESENVOLVIMENTO

II.I A precarização do trabalho docente no contexto da Universidade privada

O conhecimento do professor universitário materializa-se no processo de comercialização do seu corpo e sua mente, moeda de troca de vários momentos, desde o pagamento de salários, da subordinação aos interesses do capital, da submissão a precarização do ensino frente à política de expansão, à violência recorrente nos espaços acadêmicos e nas salas de aula. Na contramão desses elementos está o compromisso político dos trabalhadores da educação, que engajados na luta pela transformação da sociedade e na possibilidade de ampliar e aproximar a emancipação política dos cidadãos enfrentam, cotidianamente, os entraves e as mazelas que emergem neste cenário de luta e resistência. Pois, é na superação do cotidiano que reluz a possibilidade de avançar e ultrapassar as condições determinadas pelo capitalismo.

O trabalho docente em instituições privadas tem como características os contratos temporário, a insegurança, a instabilidade, a rotatividade, o assédio moral por parte de patrões e até de alunos, a redução dos encargos trabalhistas, a desresponsabilização dos empregadores pelo pagamento dos direitos trabalhistas, a exemplo do fundo de garantia do tempo de serviço (FGTS), a ausência da contribuição previdenciária, décimo terceiro salário, férias. Ainda mais, de um modo geral, o valor da remuneração do trabalho pago aos professores não leva em conta as titulações acadêmicas, nivelando-os por baixo, tudo com amparo legal. (GUERRA, 2010, p. 728-729)

A arte de ensinar foi subsumida pela necessidade de sobrevivência; a venda da força de trabalho emerge enquanto prática fundamental para a garantia das condições essenciais à vida. “Ao invés do trabalho tornar-se o elo do indivíduo com a humanidade, a produção social da vida, metamorfoseia-se num meio individual de garantir a própria sobrevivência particular.” (IASI, 1999, p. 15). O professor, trabalhador assalariado, representa uma categoria dentre os vários segmentos da classe trabalhadora que tornaram-se peça da engrenagem da produção. Sob analogia a grande obra de Charles Chaplin, “Tempos Modernos”, o professor hoje é uma peça desta grande engrenagem, a escola empresa.

Desde a ditadura civil-militar brasileira, que iniciou em 1964, houve por parte do governo um investimento para a ampliação das universidades privadas, uma massificação do conhecimento (NETTO, 2005; GUERRA, 2010), com aumento significativo de ofertas de cursos.

A ideologia mercadológica capitalista presente na educação brasileira permanece até a atualidade, com elevados resultados para a política expansionista de educação, avançam as barreiras territoriais e desenvolvem suas estratégias de *captura de aluno*, ou seja, há um inchaço das salas de aula (quando há salas de aula), com promessas de ensino de qualidade e professores especializados. “Oscila por todo país o véu da aparente democratização ao acesso, via expansão de vagas privadas, com especial atenção para as modalidades semi-presenciais e a distância.” (ARONI, 2012, p. 311). Não cabe neste texto apontar as capacidades teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política dos docentes envolvidos, do seu compromisso enquanto profissionais da educação e da transformação, como também enquanto classe trabalhadora, mas sim a precarização que assola a educação superior no Brasil e o adoecimento desses professores frente às exigências de produção e reprodução das relações sociais, fruto do processo de flexibilização internalizado pelas Universidades Privadas. Segundo Aroni (2012, p. 311) “[...] o marketing midiático instantâneo captura sonhos e projetos à marcha de desregulação e degradação na qualidade da educação ofertada.”

No cenário proposto para análise textual, a Universidade Privada, os docentes estão expostos ao descaso das escolas empresas, com baixos salários, nenhum investimento à pesquisa e extensão, rompendo com a tríade ensino-pesquisa-extensão, mantém mais de um vínculo empregatício, assumem número expressivo

de turmas e orientações. O tempo de aula é dividido por números de alunos, sem recursos materiais, o professor deve se sobrepôr as dificuldades e manter o ritmo e qualidade do ensino.

Cabe mencionar que dadas às condições sob as quais o trabalho docente se realiza — em especial nas instituições privadas, tais como contrato de trabalho horista, ausência de espaço físico, ausência de investimento institucional, dentre outras —, a pesquisa fica comprometida ou é resultado da iniciativa individual do docente. (GUERRA, 2010, p. 733)

O trabalho excessivo dos docentes nas universidades privadas representa a dilaceração do homem em sua totalidade, parafraseando Marx, Antunes nos lembra que:

O tempo é o campo do desenvolvimento humano. O homem que não disponha de nenhum tempo livre, cuja vida — afora as interrupções puramente físicas, do sono, das refeições etc. — esteja toda ela absorvida pelo seu trabalho para o capitalista, é menos que uma besta de carga. É uma simples máquina, fisicamente destroçada e brutalizada intelectualmente, para produzir riqueza para outrem. E, no entanto, toda a história da indústria moderna revela que o capital, se não tiver um freio, tudo fará, implacavelmente e sem contemplações, para conduzir toda a classe operária a esse nível de extrema degradação. (ANTUNES, 2004, p. 110)

O tempo extramuro dos docentes não permite desvinculá-los das atividades acadêmicas; o tempo exaure, e o movimento que o leva para possíveis caminhos é o mesmo que o anula. Assim, temos a “[...] redução do tempo de vida a tempo de trabalho, isto é, a invasão da vida pessoal pelos requerimentos da atividade produtiva do capital.” (ALVES, 2013, p. 177). Diante o esgotamento de suas forças, o docente mantém-se calcado na trilha que constrói apoiado em sua consciência ídeo-política, ao risco de “[...] o trabalho continuar sendo desempenhado de modo formalmente correto, embora assumindo um caráter mecânico, de trabalho sem prazer.” (SELIGMANN-SILVA, s/d). Na atualidade, as forças produtivas redimensionam as diretrizes profissionais aos ditames da flexibilização; o processo de construção do saber à margem da (des)continuidade da formação profissional para a formação de mão-de-obra produtiva. Uma educação para o que e para quem?

O mercado exige cada vez mais profissionais capacitados, e num movimento orquestrado e lógico, o número elevado de profissionais de determinada área do conhecimento promove a redução de salários, confirmado pela lei da oferta e da procura. Além disso, pela dinamicidade que o conhecimento se manifesta hoje, o

professor tem o dever de estar atualizado às novas tecnologias, as transformações socioeconômicas do país e do mundo. Nesse sentido, totalmente subsumido as condições de trabalho impostas pela ordem societal, o seu tempo não te pertence mais; resume-se a tempo de trabalho: fetichizado e estranhado.

Um dos aspectos mais degradantes da ordem social do capital é que reduz os seres humanos à condição reificada, a fim de adequá-los aos estreitos limites da contabilidade do tempo do sistema: o único gênero de contabilidade – extremamente desumanizadora – compatível com a ordem social do capital. Esse tipo de desenvolvimento social tão humanamente empobrecedor é justificado teoricamente na forma de uma abstração ideologicamente reveladora operada pelos economistas políticos que vinculam de forma direta a individualidade abstrata (os indivíduos isolados) e a universalidade abstrata (a vigente divisão e fragmentação capitalista do trabalho decretada como regra universal atemporal criada pela própria natureza). (MÉSZÁROS, 2007, pág. 40)

Sobre os vários fatores apresentados até aqui que podem ser elencados como condicionantes para o adoecimento do docente na Universidade Privada, destacam-se: tempo reduzido para múltiplas tarefas gerando assim múltiplas jornadas de trabalho; falta de recursos e investimentos para pesquisas; mudanças técnico-operacionais durante o processo de ensino aprendizagem gerando novas demandas; número excessivo de aulas e alunos sob orientação; condições e organização do trabalho distante do que seria o ideal; a não parceria para eventos e formação continuada; a inexistência de plano de carreira; a mecanização do conhecimento e, o que consideramos um dos pontos nevrálgicos, é o professor apesar de estar inserido nesse contexto não coaduna com o projeto ideológico do capital, o que provoca um processo contraditório entre o trabalho, desde o seu por teleológico à materialização, e sua capacidade ídeo-política e crítica de ver e intervir no mundo.

Enquanto assistentes sociais e pesquisadores, compartilhamos de uma dada direção social com vistas a um novo projeto societário; a uma sociedade em que o trabalho seja de fato a forma de realização humana e não de sua degeneração, sociedade esta que a riqueza socialmente produzida seja distribuída de forma igualitária. A escolha por este projeto e a aproximação com a teoria social de Marx nos possibilita a apreensão da realidade para além do imediato, o que também requer o compromisso com princípios profissionais e sociais de cunho humanista. Calçados por essa formação, optamos, como diz Iamamoto, *por não vender ilusões*. No entanto, a tensão é parte constitutiva do trabalho e enquanto classe trabalhadora

resta duas opções: a venda da força de trabalho ao capital ou engrossar as fileiras do lumpemproletário.

Sob as novas formas de organização do trabalho na Universidade privada, podemos afirmar que a ideologia e o trabalho concreto se apresentam de formas brutalizadas. Existe uma verdadeira coerção no processo de ensino-aprendizagem, com oferta de conteúdos limitados que cerceiam a liberdade de pensamento e restringem o aluno avançar para além daquilo que está posto. Os projetos pedagógicos dos cursos estão sendo pulverizados ao interesse do capital, desconsiderando a relação do homem/ensino/sociedade. Nos casos da educação à distância, perdeu-se o contato humano, mecanizaram a essência do conhecimento que acreditamos ser construído durante o convívio social e não apenas por detrás de máquinas.

Ainda, tendo como cenário o ensino à distância, outra questão que merece destaque é o espaço de trabalho em que estão submetidos os professores. Historicamente lotados em salas de aula, agora submetidos a pequenas, ou melhor, vergonhosas baias muito semelhantes aos locais em que ficam confinados cavalos. As baias contêm um computador e uma cadeira e é neste local que o docente deve cumprir toda sua carga horária, bem como, receber se for o caso alunos que necessitem de algum esclarecimento ou orientação.

Assim, degradação está no controle do tempo de pensamento, nos procedimentos de pensamento, na disciplina e vigilância nas formas de mediatizar um pensamento em mensagem que aparentemente motive o interlocutor aluno, a não se enxergar tão e verdadeiramente solitário diante de uma máquina. O controle via plataforma de interação supostamente com perspectiva pedagógica, aponta para dimensão do armazenamento ilimitado de interações e conteúdos informacionais, os quais possibilitarão no futuro, a composição de banco de dados de feedbacks automáticos, e eliminará gradualmente o trabalho vivo desta fantasmagórica rede depositário virtual de conhecimento e interações humanas, na qual a construção do conhecimento é mera transferência na relação sinalagmática entre prestação dinheiro e contraprestação “acesso a educação”. (ARONI, 2013 pág. 318)

O docente deve desempenhar diversas atividades que também extrapolam o ambiente virtual, podemos destacar de modo geral: correção de atividades, provas, fóruns, elaboração do material didático, elaboração de provas, elaboração do conteúdo das atividades do ambiente virtual, correção e orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso - TCC's.

Diante esse contexto, remetemo-nos aos estudos de Dejours para fundamentar a ruptura com a dimensão intelectual da atividade humana e o operário-macaco em Taylor:

Uma vez conseguida a desapropriação do know-how, uma vez desmantelada a coletividade operária uma vez quebrada a livre adaptação da organização do trabalho às necessidades do organismo, uma vez realizada a toda poderosa vigilância, não restam senão corpos isolados e dóceis, desprovidos de toda iniciativa. A última peça do sistema pode então ser introduzida sem obstáculos: é preciso adestrar, treinar, condicionar esta força potencial que não tem mais forma humana. (DEJOURS, 1992 pág. 42)

Entender o processo de adoecimento docente requer desvelar a forma de organização do trabalho e as suas incidências na vida do trabalhador. Segundo Dejours (1992, pág. 43) “É precisamente isso que deve ser estudado pela psicopatologia do trabalho; o que acontece com a vida psíquica do trabalhador desprovido de sua atividade intelectual pela organização científica do trabalho!” Há tantos outros fatores que provocam o adoecimento do docente que não foram referenciados, mas nota-se que os supracitados estão intrinsecamente relacionados às condições objetivas e subjetivas concatenados nesta relação - sujeito/consciência/saúde-doença/trabalho.

II.II A captura da subjetividade e o adoecimento docente

Mente e corpo compõe o homem, sujeito objetivo e subjetivo. O homem é um ser que constrói sua história a partir de suas objetivações, ações idealizadas que expressam a essência desse ser em movimento. Subjetivo por ter consciência de ser e estar no mundo. Tais categorias ontológicas do ser social são moventes e movidas no processo de produção e reprodução social da sociedade capitalista, momento em que a consciência em sua primeira forma manifesta como alienação (IASI, 1999).

Mente e corpo são capturados nesta realidade que emerge; aos docentes provoca um processo de adoecimento que se manifesta como doenças psíquicas ou distúrbios no corpo físico; além de desencadear um estado de fadiga e estresse. Considera-se ainda, outras formas de manifestação das doenças provocadas pelo trabalho, somatizadas no sujeito orgânico e social, consequência do acúmulo e desdobramento dos fatores do cotidiano profissional. Alves (2007, p. 188) ao explicitar o processo de captura da subjetividade expõe:

[...] tende a dilacerar/estressar não apenas a dimensão física da corporalidade viva da força de trabalho, mas sua dimensão psíquica e espiritual, dilaceramento que se manifesta através de sintomas de doenças psicossomáticas que atingem o trabalhador.

As formas como as doenças manifestam nos docentes expressam a forma desumanizante de uma relação de expropriação do ser social como um todo. O adoecimento acende no conjunto das relações sociais (econômicas, culturais, políticas e sociais), no convívio com outros sujeitos em outros espaços coletivos, na ruptura desse sujeito com o meio, levando ao isolamento e a perda de vínculos.

O distanciamento do sujeito dessas relações pode levá-lo à negação de se reconhecer enquanto ser político. Afastando-o do convívio com outros sujeitos e espaços que podem provocar o despertar da consciência crítica, enquanto consciência de *classe para si*. Considera-se que este despertar não é algo imediato, mas sim um processo em construção, com possibilidades de avanços e retrocessos, mas que coloca este sujeito enquanto ser construtor de sua história. Pois trata-se em considerar que:

O homem real é unidade indissolúvel, um ser espiritual e sensível, natural e propriamente humano, teórico e prático, objetivo e subjetivo. O homem é, antes de tudo, práxis [...]. Ademais, o homem é um ser social [...]. O homem é também um ser histórico. (MARX apud SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2011, p. 291)

Considerando a consciência de classe enquanto processo; para que o docente tenha consciência da realidade e de sua totalidade, é necessário avançar para além daquilo que está posto, o imediato. Projetar-se à esfera da universalidade, se ver e reconhecer enquanto ser social, histórico, político - sujeito coletivo. Num movimento de ir e vir provoca o emergir de sua particularidade, o que requer deste trabalhador, negar aquilo que cotidianamente lhe é apresentado, coberto por um véu que obscurece sua condição de ser genérico.

Netto (1994, p. 38) explicita que "[...] uma totalidade sem negatividade é uma totalidade morta [...]", pois, "A negatividade realiza-se no marco de um sistema de mediações que responde, no movimento da totalidade social concreta, pelo desenvolvimento desigual das suas totalidades constitutivas." (NETTO, 1994, p. 38). A negação emerge enquanto categoria, que pela razão, permite o sujeito projetar-se na realidade e nela superar o cotidiano.

O adoecimento do docente atrela-se às forças internas organizacionais, assim como ao movimento contraditório da realidade social – força externa; observa-se que estas forças internas e externas relacionam-se, provocando assim, uma cadeia de ações causais, que compõe a capacidade de interação do docente à realidade, e esta por ser contraditória, permite alternativas. Pois,

De fato, embora todos os produtos do pôr teleológico surjam de modo causal e operem de modo causal, com o que sua gênese teleológica parece desaparecer no ato de sua efetivação, eles têm, porém, a peculiaridade puramente social de se apresentarem com o caráter de alternativa; e não só isso, mas também os seus efeitos, quando se referem a homens, têm — por sua própria natureza — a característica de abrirem alternativas. Tais alternativas, mesmo quando são cotidianas e superficiais, mesmo quando de imediato têm consequências pouco relevantes, são todavia autênticas alternativas, já que contém sempre em si a possibilidade de retroagirem sobre o seu sujeito para transformá-lo. (LUKÁCS, 1979, p. 81).

A possibilidade de alternativas possíveis permite ao docente se reconhecer neste processo, negar as condições materiais de trabalho com intuito de reivindicar melhores condições para tal, tecer frentes de enfrentamento na Universidade e nos demais espaços coletivos, mobilizando contrariamente a precarização do trabalho.

III - CONCLUSÃO

A partir do exposto, é necessário o descortinar da consciência do sujeito, para sua condição de sujeito partícipe e construtor de sua história. Esta condição revela-se como desafio que se apresenta ao sujeito, ao docente trabalhador assalariado, que diante as refrações do capitalismo nega suas condições objetivas e subjetivas, reproduzindo (in)conscientemente a lógica do capital. Esta difusão materializa-se no adoecimento deste sujeito, em seu corpo orgânico e espiritual, acendendo assim no processo de autonegação e submissão às condições postas.

Esta reflexão não nega a condição do docente de ter e poder despertar sua consciência crítica diante a realidade. Realidade social e econômica desse trabalhador que, para garantir suas necessidades, as necessidades do eu, expõem-se as condições de trabalho e as artimanhas do capital. O enfrentamento cotidiano à barbárie do capital compõe a realidade do docente da Universidade privada, mas enquanto possibilidade e luta, o processo de construção de consciência é a alternativa de ruptura a realidade posta.

Enquanto classe trabalhadora, os docentes têm nos sindicatos a possibilidade de reivindicação, de luta, aproximar de seus iguais no processo de formação da consciência de classe, o que permite desconstruir o que está posto e seguir um novo caminho. O trabalho docente está repleto de desafios que postos ao coletivo poderão transpor numa outra esfera de mobilização e transformação; os sindicatos da categoria tem papel importante neste processo de transformação e construção de consciência e atitude.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2007.

_____. **Dimensões da Precarização do Trabalho**: ensaios de sociologia do trabalho. Bauru: Canal 6, 2013.

ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho**, escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ARONI, Rafael. O formato neofordista e infotaylorista da educação à distância: a tutoria e a degradação da profissão docente. In: LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza (org.). **Saúde do Trabalhador**: desafios para a seguridade social e movimento sindical. São Paulo: Cultura Acadêmica: Editora UNESP, 2012 p. 311-325.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.

GUERRA, Yolanda. A formação profissional frente aos desafios da intervenção e das atuais configurações do ensino público, privado e a distância. **Serviço Social & Sociedade**. [online], n.104, p. 715-736, out. dez., 2010

IASI, Mauro. **Processo de Consciência**. São Paulo: CPV, 1999. (mimeo)

LUKÁCS, Georg. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro I. 29ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**: o socialismo no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2007.

NETTO, Jose. Razão, ontologia e práxis. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, ano 15, n. 44, p. 26-42, abr. 1994

_____. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do SS no Brasil pós-64. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005a.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **As Síndromes da Insensibilidade, a tirania e a arrogância insensível**, (s/d). (mimeo)